

DeltaKappa 2018 setembro

Nota inicial

Quero manifestar o meu contentamento com a nomeação do Filipe Oliveira, por quem tenho grande apreço, simpatia e admiração, para a presidência da SPM.

Tenho a certeza que vai fazer um excelente trabalho em prol da qualidade matemática em Portugal.

1. Viver para trabalhar ou trabalhar para viver

Neste mês de setembro alunos e professores regressam ao trabalho. É nada mais oportuno do que refletir sobre o tema “*Viver para trabalhar ou trabalhar para viver*”. Pois sobre este tema sugiro que vejam com atenção a exposição que um dos maiores matemáticos vivos, Cédric Villani, fez na célebre ESSEC Business School: pode ver [aqui](#).

Fala sobre o papel que o trabalho desempenhou, através do tempo, na vida do homem e sobre as várias formas como este o tem encarado e deixa preciosas reflexões. Para abrir o apetite, ou para poupar tempo a quem não queira ver o vídeo, destaco algumas.

Sabem que a palavra usada nas línguas latinas para trabalhar vem da palavra latina tripaliare que significa torturar! Evoca sentimentos muito funestos...

Pelo contrário nos países anglo-saxónicos a palavra work vem de ergon que significa configurar os recursos à nossa volta de forma a melhorar a qualidade das nossas vidas. Associada, portanto, a sentimentos muito mais positivos!...

Sabem ainda que o cérebro humano usa partes diferentes para calcular ou raciocinar?

Isso explica que pessoas que fazem rapidamente cálculos mirabolantes sejam muitas vezes fracos matemáticos, e, por outro lado, grandes matemáticos não tenham essa enorme capacidade de cálculo mental e muitas vezes preferam pensar o suficiente para chegar a um resultado sem ter de fazer muitas “contas”. Lembro-me de um matemático português, atualmente numa universidade nos EUA, que, há anos, numa entrevista a um jornal conhecido, dizia que no fim das refeições num restaurante eram a mulher e os filhos que verificavam a conta pois para ele era trabalho penoso!...

Villani dá ainda uma indicação que devia servir para todos os professores meditarem:

“Mais do que fornecer conhecimentos o objetivo do ensino deve ser por os alunos a pensar e voltar a pensar”¹, fazer com que aprendam a maravilhar-se, com que ganhem interesse por pôr questões, por pesquisar, por saber.

¹ Sobre este assunto pode gostar de ver a referência que aqui deixamos ao célebre documento Delors em outubro de 2012, [aqui](#).

2. Uma objeção de Robert Langlands

Chamou a minha atenção a precisão, digna de um grande matemático, que o Prof. Langlands fez quando lhe foi perguntado o que o fazia feliz.

– Alegre quer você dizer, respondeu. A felicidade é coisa muito mais complicada...

Foi então que me lembrei de uma reportagem que vi na televisão, há anos, feita a partir de um dos anfiteatros Ga's do IST.

O jornalista entrevistava um aluno do 2.º ano que tinha tido média de 20 no primeiro ano ... um génio, portanto.

No fim o jornalista pediu-lhe para escrever uma fórmula no quadro. O aluno acercou-se do quadro, pegou no giz e escreveu:

$$Felicidade = \int_0^{\text{Tempo de vida}} Alegria(t)dt$$

Acredito que o Professor Langlands subscrevia esta fórmula!...

Votos de muitos momentos de alegria durante o ano caros leitores... e, já agora, curtos, poucos e atenuados momentos de abatimento.

